VERITAS ANTIQUA
Revista de Arqueologia e Ciências Bíblicas

ISSN ????-????

Textos proféticos entrecruzados: Uma análise do processo de migração de linguagens nos profetas bíblicos

Vanderlei Dorneles[1]

Resumo: Os textos dos profetas bíblicos se apresentam permeados de intertextos de tradições e textos mais antigos. Esses intertextos ocorrem na forma do emprego comum de nomes, figuras, imagens e termos técnicos. Os intertextos evidenciam o fenômeno do entrecruzamento dos textos bíblicos entre si, mas também entre eles e textos da cultura do antigo Oriente Próximo. Essa característica de linguagem e de temáticas sugere a problemática deste artigo, de que o texto profético não parece resultar de comunicação visionária exclusivamente, mas também do empenho intelectual e da memória textual e linguística dos profetas. O objetivo desta análise é evidenciar intertextos nos profetas da Bíblia Hebraica e destacar o conhecimento literário deles acerca das Escrituras e da cultura de seu tempo. Aplica-se nesta análise os conceitos de textos e entrecruzamento textual conforme desenvolvidos pela semiótica da cultura, que também explicita o processo de migração dos textos na semiosfera das culturas antigas. O corpus de análise são textos dos profetas Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, os quais entrecruzam elementos textuais e temáticos da narrativa das origens em Gênesis e de narrativas míticas antigas do combate com as forças do caos.

Palavras-chave: Linguagem; Origem; Conflito; Erudição; Profetas.

Interwoven Prophetic Texts: An Analysis of the Process of Language Migration in the Biblical Prophets

Abstract: The texts of the biblical prophets are permeated by intertextual references to older traditions and writings. These intertextual elements appear through the shared use of names, figures, images, and technical terms. They reveal the phenomenon of the interweaving of biblical texts with one another, as well as with texts from the culture of the ancient Near East. This linguistic and thematic characteristic gives rise to the central issue addressed in this article: the prophetic text does not appear to stem solely from visionary communication but also from the prophets' intellectual effort and their textual

[1] Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia do Unasp. E-mail: vanderlei.dorneles@unasp.edu.br.

and linguistic memory. The aim of this analysis is to identify intertextual elements in the writings of the Hebrew Bible prophets and to highlight their literary knowledge of the Scriptures and the culture of their time. The analysis applies concepts of texts and textual interweaving as developed within the semiotics of culture, a framework that also elucidates the process of textual migration within the semiosphere of ancient cultures. The corpus consists of texts from the prophets Isaiah, Jeremiah, Ezekiel, and Daniel, which interweave textual and thematic elements from the Genesis creation narrative and ancient myths concerning the struggle against the forces of chaos.

Keywords: Language; Creation; Conflict; Scholarship; Prophets.

Textos proféticos entrecruzados: un análisis del proceso de migración de lenguajes en los profetas bíblicos

Resumen: Los textos de los profetas bíblicos aparecen impregnados de intertextos provenientes de tradiciones y escritos más antiguos. Dichos intertextos se manifiestan mediante el uso compartido de nombres, figuras, imágenes y términos técnicos. Estas conexiones ponen de manifiesto el fenómeno de entrecruzamiento no solo entre los propios textos bíblicos, sino también entre estos y los textos de la cultura del antiguo Oriente Próximo. Esta característica lingüística y temática plantea la problemática central de este artículo: el texto profético no parece ser producto exclusivo de una comunicación visionaria, sino también del esfuerzo intelectual y de la memoria textual y lingüística de los profetas. El objetivo de este análisis es identificar intertextos en los profetas de la Biblia hebrea y resaltar el conocimiento literario que poseían sobre las Escrituras y la cultura de su época. Para ello, se aplican los conceptos de texto y entrecruzamiento textual desarrollados por la semiótica de la cultura, disciplina que también explica el proceso de migración de los textos dentro de la semiosfera de las culturas antiguas. El corpus de análisis comprende textos de los profetas Isaías, Jeremías, Ezequiel y Daniel, los cuales entrecruzan elementos textuales y temáticos de la narrativa de los orígenes presente en el Génesis y de antiguos relatos míticos sobre el combate contra las fuerzas del caos.

Palabras chave: Lenguaje; Origen; Conflicto; Erudición; Profetas.

Submetido em: ??/??/????

Aprovado em: ??/??/????

DOI: https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2056

INTRODUÇÃO

Os textos dos profetas do Antigo Testamento apresentam diversos intertextos, sejam da própria Torá ou de outros textos da cultura do mundo antigo. O mesmo fenômeno também se verifica nos salmos. De fato, há nos textos proféticos alusões à narrativa da criação em Gênesis 1 e 2 bem como ao conflito cósmico entre Deus e as forças caóticas a princípio descrito em Gênesis 3. Os mesmos temas e expressões ocorrem em outros textos de criação e combate do mundo antigo. O emprego de termos técnicos, nomes e frases próprios das tradições mais antigas leva alguns pesquisadores a pensar a partir de uma influência exercida sobre os profetas, como se eles tivessem dependido ou mesmo copiado dos textos anteriores.

Por outro lado, é possível pensar metodologicamente a partir do fenômeno da intertextualidade. Nessa perspectiva, fica evidenciado que os profetas estavam familiarizados com a cultura de seu tempo, especialmente com a Lei dada por intermédio de Moisés. Esse aspecto dos textos proféticos pode favorecer a hipótese de que, além da experiência visionária que distingue os videntes, eles também eram estudiosos e aptos a dialogar com as tradições que antecediam seus próprios textos.

O objetivo deste artigo é revisar de forma breve alguns conceitos teóricos das ciências da linguagem e da semiótica da cultura, aplicando-os ao estudo dos textos proféticos sob a premissa de que os profetas produziram seus textos também através de processos de intertextualidade. Nessa perspectiva, a análise evidencia que os textos dos profetas apresentam claros pontos de contato e dialogam com os textos anteriores, sejam reagindo a eles, explicando-os ou simplesmente escrevendo suas mensagens num processo de desdobramento das tradições que os antecediam. Além disso, é possível também verificar que os profetas dialogam com as linguagens da cultura do mundo antigo, exteriores ao mundo bíblico. A partir desta metodologia de estudo, o objetivo não é só de apontar certos pontos de contato entre os textos, mas de indicar os mecanismos pelos quais ocorre a produção dos textos proféticos.

INTERTEXTOS E LITERATURA PROFÉTICA

A ocorrência de intertextos nos textos bíblicos indica que estes foram produzidos a partir do mesmo processo dos chamados textos da cultura, nos quais se verifica o processo de reprodução textual. Isso ocorre porque, a exemplo da célula viva que carrega

as características do ser e é capaz de processos de reprodução e criação de novas células, os textos da cultura são portadores de certos elementos reprodutivos, capazes de gerar novos textos.

Essa foi a premissa original que concebeu Iuri Lotman (1996), pensador russo de origem judaica que desenvolveu os principais conceitos da chamada semiótica da cultura a partir de seus estudos iniciais em biologia. Os semioticistas consideram todo artefato da cultura capaz comunicar informação e gerar processos semióticos como um texto da cultura, sejam eles textos verbais ou imagéticos.

Para a semiótica da cultura, a reprodução dos textos e a produção de novas informações sugere que os textos da cultura são dotados de vida e capazes de *migração* entre as diferentes culturas (Dorneles, 2018, p. 111-127; Andrews, 2003, p. 168). Lotman (1996, p. 22) chamou o universo da cultura de "semiosfera", uma linguagem também derivada das ciências biológicas. Para ele, a semiosfera é o *habitat* dos textos, onde estes são vistos como agentes vivos e, assim, sujeitos a processos vitais e reprodutivos. A fim de funcionar como texto da cultura, determinado texto precisa ter funções ativas e ser exposto a memórias de agentes da cultura, nesse caso os autores. Nesse sentido, a memória é compreendida como o agente estratégico no processo de encadeamento dos textos, ou intertextualidade.

Nas décadas recentes, o conceito de texto tem sido redefinido na teoria literária, o que tem proporcionado um mais amplo entendimento acerca da função da memória e da criatividade na produção dos textos. As noções de agência e influência, cópia e edição, próprias da Crítica Histórica no âmbito da teologia, têm enfrentado desafios constantes ante a comprovação de que os autores bíblicos trabalharam criativamente e de forma independente ao entrecruzar linguagens prévias e tradições em seus escritos (Machado, 2016, p. 159-160).

Nessa nova perspectiva, o objeto "texto" tem sido visto como condensador da memória, no sentido de que todo texto evidencia um cruzamento de memórias textuais e releituras do mundo da cultura (Lotman, 2000, p. 18). No processo de criação dos textos da cultura, a memória do autor atua como um agente estratégico. Por meio da rememoração de ditos, fragmentos de textos e linguagens se estabelece o processo da intertextualidade, ou encadeamento dos textos. Nesse sentido, se fala de uma memória textual constituída de textos, narrativas, linguagens, metáforas, figuras e personagens.

Para a semiótica da cultura, a memória não é um domínio estático, mas um reservatório dinâmico que conserva, transmite e gera novos textos. Dessa forma, a própria cultura passa a ser concebida como "uma inteligência coletiva e uma memória coletiva", na qual textos e linguagens estão preservados em certa hierarquia (Lotman, 1996, p. 157). Mediados pela memória dos interlocutores, os textos e as linguagens estão em constante processo de entrecruzamento para a produção de novos textos (Lotman, 1996, p. 23, 24).

Quando se adentra ao campo das linguagens se percebe que os textos são verdadeiros mosaicos de outros textos anteriores entrecruzados e entesourados na memória de seus autores. Por isso, Kristeva (1969, p. 64) afirma que "todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto". Devido ao processo de entrecruzamento de textos e linguagens, o texto se apresenta como um diálogo de memórias, em que fragmentos, imagens e figuras de textos anteriores são articulados para se atualizar a memória da cultura em questão.

O texto profético, revelado mediante visões e sonhos e ainda inspirado em sua escrita (2Pe 1:21), não parece ser produzido de forma distinta. De fato, os textos dos profetas indicam que eles dialogam, atualizam e interpretam os textos formadores de sua memória. Nesse processo de diálogo com a tradição anterior e a cultura circundante, a revelação profética se apresenta como da mesma natureza encarnada da Palavra viva – Jesus Cristo. A palavra profética também se encarnou na cultura do tempo dos profetas. Desta forma, o fenômeno da "intertextualidade do Antigo Testamento demonstra que os profetas são exegetas e teólogos", que releem e dialogam com os textos de sua tradição sagrada (Chou, 2018, p. 47).

Ao observar a memória textual dos autores bíblicos através dos textos e tradições anteriores entrecruzados em seus escritos, percebe-se que, apesar de sua origem diversificada e muitas vezes humilde, os profetas não eram pessoas simples em seus raciocínios e nos textos que produziram. Ao aludir a escritos anteriores por meio de fragmentos de linguagens e figuras, eles se mostram cientes das "implicações teológicas das revelações anteriores", e desenvolvem esses conceitos como uma "nova revelação", mas consistente com a intenção original dos demais autores (Chou, 2018, p. 48). Os escritores bíblicos eram, portanto, teólogos e eruditos estritamente falando. Em vista disso, Chou (2018, p. 48) afirma que os profetas de fato não se mostram ignorantes em

sua maneira de pensar e escrever. “Em vez disso, guiados pelo Espírito Santo, eles foram precisos e sofisticados” ao lidar com a tradição e a cultura em que estavam inseridos.

A HABILIDADE LITERÁRIA DOS PROFETAS

Os textos proféticos da Bíblia Hebraica apresentam diversas características de composição literária (Alter, 2007). Seus autores estavam familiarizados com a cultura das letras de seu tempo. Neste artigo nos interessa especificamente a habilidade que os profetas Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel manifestam ao entrecruzar outros textos em seus escritos, por meio do processo de intertextualidade. Essa habilidade própria da memória “permeada” pelas Escrituras e pelas tradições antigas indica que os profetas eram diligentes estudiosos dos textos disponíveis em seu tempo (Moyise, 2002, p. 419).

A narrativa da criação em Ezequiel e Daniel

A literatura profética evidencia a familiaridade dos profetas com a narrativa e a linguagem da criação em Gênesis 1 e 2. Imagens e expressões da criação ocorrem em diversas narrativas proféticas, especialmente em Ezequiel e Daniel, tanto ao descreverem cenários de conflito dos inimigos contra o povo de Deus quanto ao retratar o ambiente celestial nas visões.

O relato visionário de Ezequiel 1, ao retratar o trono de Deus em semelhança de uma “carruagem”, compartilha uma espécie de cenário comum com Gênesis 1. O profeta descreve os “seres viventes” (heb. *chayyah*; Ez 1:4-10), os quais espelham os animais criados (heb. *nephesh chayyah*) em Gênesis 1:20-25. Acima da carruagem-trono ele descreve um tipo de “firmamento” (*raqiya’*, Ez 1:22), relembrando o “firmamento” de Gênesis 1:7. Deus é percebido pelo profeta como “semelhante [*demuth*] a um homem” (Ez 1:26), uma provável alusão à “imagem de Deus” na formação do homem, criado à “semelhança” (*demuth*) divina para “dominar” sobre a terra e os seres vivos (Gn 1:26-28). Desta forma, “a descrição da visão de Ezequiel implica uma cuidadosa leitura de Gênesis 1” (Chou, 2018, p. 58). Ezequiel relata sua visão tendo em mente a narrativa da criação, empregando termos em conjunto com a esta.

Ao empregar termos próprios da narrativa da criação, o profeta sugere que seu texto deve ser lido a partir da narrativa de base, em Gênesis. Em outras palavras, ele enxerga e entende a própria visão recebida em diálogo com a criação original. Nesse

sentido, a visão do trono de Deus e de seu domínio cósmico cercado de criaturas retoma a posição soberana de Criador no evento da criação, conforme a narrativa de Gênesis.

Por sua vez, a visão das quatro bestas marinhas em Daniel 7 igualmente mantém uma estreita conexão com a narrativa da criação em Gênesis. No entanto, ao contrário do que ocorre na visão de Ezequiel 1, na visão de Daniel, a ordem da criação está claramente alterada ou subvertida. Em Daniel 7:3, ele se refere ao "mar" de onde brotam as "bestas da terra", em alusão às águas em Gênesis 1:6-8, de onde originalmente surgem os animais aquáticos (Gn 1:20). Além de surgirem do "mar", em contraste com os animais da criação que surgem da "terra (Gn 1:24), as quatro bestas se apresentam hibridizadas (com asas e múltiplas cabeças e chifres), ao contrário da ordem e perfeição dos animais de Gênesis 1.

Além disso, em Daniel 7, as bestas híbridas representam os reis e reinos do domínio humano, mas numa condição de caos e degradação. As bestas sobem do "mar" para "dominar" os seres humanos, ao contrário do que se vê na criação original (Dn 7:6, 12; Gn 1:26). Nisso se revela a condição de caos e subversão da criação após a entrada do pecado, uma vez que o "homem" fora criado para dominar sobre os "animais" (Gn 1:26; cf. Chilton, 1987, p. 306). Na visão de Daniel, porém, as bestas são subjugadas por aquele "como filho de homem" (Dn 7:13-14). Esse personagem retoma a distinção de Adão em relação aos animais da criação, pois em Daniel ele é distinto das "bestas", é um "filho de homem", o qual vai resgatar o domínio das bestas e devolvê-lo aos "filhos do Altíssimo" (Dn 7:27).

Desta forma, Daniel narra sua visão tendo em mente a criação original, mas a descreve como tendo perdido a ordem primordial, devido à emergência do poder retratado através das bestas híbridas que dominam sobre os seres humanos na condição de pecado. Entretanto, essa condição caótica dura só até o juízo (Dn 7:13, 22, 26). "Teologicamente falando, a alusão parece significar que o reino de Deus finalmente prevalecerá sobre a história e levará a criação de volta à sua ordem original estabelecida em Gênesis 1-2" (Chou, 2018, p. 58).

O emprego dessa linguagem da narrativa de Gênesis indica também que Daniel vê a ação de Deus contra o domínio das bestas a partir do conceito de sua soberania no ato criador original. De fato, Deus exerce controle e é soberano sobre as águas originais e mesmo as caóticas, em vez de estar em conflito com elas (Gn 1:6-7; Dn 7:27; cf. Sl 104:3; 136:6). Isso mostra que "se Deus não tivesse reunido os mares, a terra teria permanecido

inundada" em Gênesis. Igualmente, "se Deus não tivesse estabelecido limites para o caos, as forças destrutivas teriam recaído sobre o mundo" conforme retrata o profeta Daniel. Em realidade, quando Daniel emprega a linguagem da criação, encadeada com o conceito do *Chaoskampf* ("combate contra o caos"), ele enfatiza "a supremacia de Deus sobre as forças hostis à criação", conforme já evidenciou originalmente no ato criador (Oancea, 2017, p. 132).

Desta forma, ao empregar a linguagem de Escrituras anteriores e interpretar ou atualizar as mesmas, os profetas evidenciam sua compreensão dos textos da tradição bem como sua habilidade teológica, resultado de diligente estudo e convivência com o texto dessas Escrituras. Nesta perspectiva, os profetas "são exegetas que pensam através das Escrituras a fim de afirmá-las, em vez de alterá-las" (Chou, 2018, p. 59).

Os profetas e as tradições do conflito cósmico

Igualmente, por meio de linguagem própria, os profetas bem como salmistas refletem uma clara visão do Pentateuco, das promessas messiânicas de vitória sobre forças caóticas bem como da teologia da aliança ao se referirem à relação de Israel com seus inimigos. Em alguns textos proféticos não somente linguagens bíblicas se acham entrecruzadas, mas também tradições da cultura do mundo antigo, as quais são tecidas nos escritos proféticos a partir de uma perspectiva messiânica.

No salmo 74:13-14, o salmista afirma: "Tu [Yahweh] dividiste o mar ... quebrantaste a cabeça dos monstros das águas. Fizeste em pedaços as cabeças do Leviatã" (ARC). Neste texto, o poeta emprega o termo hebraico *liwyathan*, traduzido por *drákon* na LXX, em referência ao Egito, no que se costuma chamar de historicização do conflito com o Leviatã. Nesta releitura dos eventos do êxodo, a partir de uma perspectiva messiânica, o salmista não só entrecruza a figura sumeriana e canaanita do Leviatã (Wallace, 1948, p. 68; Rendsburg, 1984, p. 448), mas também faz uma alusão a Gênesis 3:15, o protoevangelho, que garante que a serpente teria sua cabeça quebrada pelo Messias (Chilton, 1987, p. 307).

Os adversários de Yahweh são referidos neste Salmo (74:13-14) por meio de três figuras caóticas bem conhecidas nas mitologias antigas. Desta mesma forma, elas aparecem no épico ugarítico, como *yām* ("mar"), *tannînîm* ("dragões") e *liwyāṯān* (Leviatã). No épico ugarítico, Baal (a principal divindade fenícia) combate o deus do mar

(cujo nome é Yam) e o deus da morte (Mot). Na mitologia ugarítica, "os dragões e o Leviatã são conhecidos como *tunnanu* (*tnn*) e *Lotan* (*ltn*)"; são "personificações do caos, em luta ao lado de Yam e Mot contra Baal" (Oancea, 2017, p. 134). Ao empregar essas figuras, como representações dos inimigos do povo de Israel, os escritores bíblicos demonstram sua familiaridade com as tradições antigas de outros povos do antigo Oriente Próximo, ao mesmo que proclamam a soberania de Yahweh sobre as forças caóticas retratadas nas mesmas (Putrawan; Chia, 2026, p. 5).

O profeta Ezequiel também historiciza o conflito contra as forças caóticas ao aplicar a figura do Leviatã ao Egito: "Assim diz o Senhor Deus: Eis-me contra ti, ó Faraó, rei do Egito, grande dragão [heb. *tannin*]" (Ez 29:3, ARC). Neste texto ele emprega o termo hebraico *tannin*, também vertido no texto grego por *drákon*, a palavra de João mais tarde utiliza para o "dragão" em Apocalipse 12 e 13. Isso mostra que o profeta Ezequiel entendia a teologia do êxodo do Egito como um evento de salvação, uma espécie de pré-manifestação messiânica exemplificando o dia escatológico do Senhor, quando o inimigo de Deus e seu povo será definitivamente derrotado.

O confronto entre Yahweh e as forças demoníacas e caóticas, retratadas na figura do Leviatã e do monstro marinho, também é teologicamente articulado pelos profetas Isaías e Jeremias. Em Jeremias 51:34, o profeta diz: "Nabucodonosor, rei da Babilônia, nos devorou, esmagou-nos e fez de nós um objeto inútil; como monstro marinho, nos tragou." Neste texto, ele emprega o termo hebraico *tannin*, novamente traduzido para o grego por *drákon*, em referência à Babilônia, agente do cativeiro de Judá. Nesse caso, Jeremias também aplica as figuras monstruosas a forças históricas reais.

Por sua vez, o profeta Isaías, predizendo o dia escatológico do Senhor, diz: "Naquele dia, o Senhor castigará com a sua dura espada, grande e forte, o dragão, serpente veloz, e o dragão, serpente sinuosa, e matará o monstro que está no mar" (Is 27:1). Aqui, Isaías também emprega as palavras hebraicas *liwyathan* e *tannin*, ambas traduzidas por *drákon* na LXX. Claramente, o profeta entrecruza neste texto as narrativas de Genesis 3:15 e do Salmo 74. Nesse sentido, Isaías 27:1 interpreta tanto o *liwyathan* quanto *tannyin* como sendo a antiga "serpente" (heb. *nachash*; Gn 3:15), que é *óphis*, na LXX, um segundo termo grego empregado em Apocalipse 12 para o antagonista de Miguel (Ap 12:9). As forças históricas retratadas por Isaías nessas metáforas incluem a Assíria e a Babilônia ("Sinar"), no contexto do cativeiro (cf. Is 11:11). Com estas expressões, o profeta emprega

a imagética do *Chaoskampf* ("combate contra o caos"), comum em textos da cultura do antigo Oriente Próximo, com objetivo de "proclamar os atos salvíficos de Deus nos tempos escatológicos (Is 27:1)". Desta forma, ele expressa a "realeza eterna de Deus e o seu cuidado para com o mundo e para com Israel" (Oancea, 2017, p. 127).

Assim, de forma clara, o texto de Isaías 27:1 emprega o tema amplo do *Chaoskampf*. Ao se apropriar dessas linguagens, Isaías proclama que "a realeza divina [de Yahweh] se estabelece por meio da vitória sobre a desordem cósmica" manifestada nas figuras históricas da Assíria e Babilônia (Putrawan; Chia, 2026, p. 4). Batto (1992, p. 71-88) argumenta que os textos bíblicos que empregam a imagética do combate incorporam e preservam padrões mitológicos compartilhados em todo o antigo Oriente Próximo, ao mesmo tempo em que esses padrões são remodelados no âmbito da teologia israelita. No entanto, os profetas bíblicos "adaptaram motivos [temas] mitológicos mais antigos, ao mesmo tempo em que os transformavam no âmbito da reflexão teológica israelita". Desta forma, os textos proféticos, portanto, "preservam a continuidade da linguagem simbólica, redefinindo simultaneamente o seu significado teológico" (Putrawan; Chia, 2026, p. 5, 6).

Além disso, de mais forma específica, Isaías parece ter em mente o "épico ugarítico de Baal", em que o Leviatã é descrito como uma serpente "veloz" e "sinuosa", evidenciando seu conhecimento desta tradição canaanita antiga, a qual ele articula de uma perspectiva messiânica em seu texto (Lipinski, 1995, p. 506). Observa-se que as três letras-chave da palavra ugarítica *l-t-n* aparecem também na palavra hebraica *liwyathan* (Angel, 2014, p. 13). Há evidências de que o Lotan ugarítico seja um ajuste do nome *Liwyathan*. Surpreendentemente o mito ugarítico descreve Lotan com as mesmas palavras: "Lotan, a serpente veloz, a serpente sinuosa, a serpente enrolada de sete cabeças" (Dekker, 2017, p. 26). Tanto Isaías quanto o texto ugarítico descrevem o Leviatã como *bariyach*, "ágil", e *'aqallathown*, "sinuoso" (Lipinski, 1995, p. 506; Kim, 2013, p. 32).

No artefato arqueológico chamado Baal Thunderbolt, o deus cananeu é retratado com um lança flamejante à sua mão, e sob seus pés se representa a "serpente sinuosa", chamada Lotan. O artefato é uma estela descoberta por Claude F. A. Schaeffer, em 1932, a somente 20 metros do templo de Baal, em Ugarit, noroeste da Síria. A estela data da Idade do Bronze. O mito ugarítico de Baal vem de 2000-1600 AEC.

Desta forma, o chamado Apocalipse de Isaías (caps. 24–27), em sua forma atual, incorpora temas e imagéticas mitológicas do antigo Oriente Próximo associados ao

Chaoskampf. Esses mesmos temas e imagens aparecem no mito babilônico *Enuma Elish*, além do mencionado Ciclo de Baal. O fato de esses mitos serem entrecruzados nos textos proféticos evidencia "a ampla popularidade e influência dessas cosmovisões político-religiosas" no mundo antigo. Entretanto, simultaneamente, evidencia a "inversão intencional" de Isaías ao empregá-los em sua descrição do conflito de Yahweh contra os inimigos históricos de seu povo (Kim, 2013, p. 33).

Com o emprego desses conceitos e termos bem estabelecidos na tradição antiga e na teologia da aliança fundada no Pentateuco, os profetas revelam sua familiaridade com a cultura de seu tempo e as Escrituras anteriores, das quais eram leitores assíduos e intérpretes bem esclarecidos. O uso da tradição mitológica sumeriana e canaanita mostra que "Isaías e seus leitores conheciam as mitologias, mas não necessariamente que acreditavam nelas" (Grogan, 1986, p. 170). Eles as utilizam como linguagens difundidas na cultura para firmar a própria soberania de Yahweh sobre as forças caóticas como um todo.

Com isso, os profetas evidenciam sua própria erudição pelo conhecimento e habilidade de interpretar e articular uma leitura atualizada das tradições antigas dos povos vizinhos e dos textos sagrados de sua própria cultura teológica. Desta forma, a "hermenêutica profética não está somente presente ao longo do Antigo Testamento, mas contém bem mais erudição do que se pode pensar a princípio" (Chou, 2018, p. 54).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos dos profetas bíblicos evidenciam de forma clara o conhecimento e a capacidades deles de articular uma ampla teologia da soberania de Deus a partir das Escrituras anteriores bem como das tradições mitológicas que circulavam no mundo do antigo Oriente Próximo. Ao empregar as linguagens e temáticas do conflito, como parte de sua narrativa profética visionária, eles também demonstram sua familiaridade com as tradições e textos antigos, o que atesta seu perfil intelectual e erudito.

O entrecruzamento de termos e frases provindos de textos mais antigos como intertextos nos textos proféticos evidencia também o papel articulador da memória dos profetas. Ao mesmo atesta que a produção dos textos proféticos segue a mesma lógica dos textos da cultura, nos quais se verifica um processo reprodutivo amplo, conforme concebido na metodologia da semiótica da cultura.

Os diversos intertextos nos textos proféticos, portanto, não são exatamente uma evidência de que eles dependeram ou que copiaram antigas tradições, mas que as conheciam e eram capazes de articular a linguagem e a temáticas delas em sua teologia ampla da soberania de Yahweh. Desta forma, os textos proféticos se apresentam em diálogo e entrecruzamento com os textos da cultura de seu tempo, o que revela sua ampla capacidade de interação com esses textos.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ANDREWS, Edna. **Conversations with Lotman**: Cultural Semiotics in Language, Literature, & Cognition. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

ANGEL, Andy. **Playing with Dragons Living with Suffering and God**. Cambridge: The Lutterworth Press, 2014.

BATTO, Bernard F. **Slaying the Dragon**: Mythmaking in the biblical tradition. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1992.

CHILTON, David. **The Days of Vengeance**: An Exposition of the Book of Revelation. Tyler: Dominion Press, 1987.

CHOU, Abner. **The Hermeneutics of the Biblical Writers**: Learning to Interpret Scripture from the Prophets and Apostles. Grand Rapids: Kregel, 2018.

DEKKER, Jaap. God and the Dragons in the Book of Isaiah. *In*: BEKKUM, Koert van et al. (ed.). **Playing with Leviathan**: Interpretation and Reception of Monsters from the Biblical World. Leiden: Brill, 2017. p. 21-39.

DORNELES, Vanderlei. Mitologia e Reprodução Textual: a vida dos textos da cultura no espaço da semiosfera. **ANTARES**: Letras e Humanidades, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 111–126, 2018. Disponível em: https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/5590. Acesso em: 1 out. 2026.

GROGAN, Geoffrey W. **Isaías**: The Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

KIM, Hyun Chul Paul. City, Earth, and Empire in Isaiah 24–27. *In*: HIBBARD, J. Todd; KIM, Hyun Chul Paul (ed.). **Formation and Intertextuality in Isaiah 24-27**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 25-48.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2. ed. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1969.

LIPINSKI, Edward. Liwyathan. *In*: BOTTERWECK, G. Johannes et al. (ed.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1995. v. 7, p. 504-509.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera: semiótica de la cultura y del texto**. Tradução: Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra/Universitat de València, 1996. v. 1.

LOTMAN, Iuri. **Universe of the Mind**: A Semiotic Theory of Culture. Tradução: Ann Shukman. Indianapolis: Indiana University Press, 2000.

MACHADO, Maria Clara da Silva. Percursos da pesquisa relacionada ao uso de textos do Antigo Testamento pelo Apocalipse: Parte III. **Coletânea**, Rio de Janeiro, ano 15, fasc. 29, p. 150-178, 2016. Disponível em: https://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/75. Acesso em: 1 out. 2026.

MOYISE, Steve. Intertextuality and Biblical Studies: A Review. **Verbum et Ecclesia**, v. 23, n. 2, p. 418-431, 2002. Disponível em: https://verbumetecclesia.org.za/index.php/ve/article/view/1211/1653. Acesso em: 1 out. 2026.

OANCEA, C. Chaoskampf in the Orthodox Baptism ritual. **Acta Theologica**, Bloemfontein, v. 37, n. 2, p. 125-142, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.18820/23099089/actat.v37i2.8. Acesso em: 1 out. 2026.

PUTRAWAN, Bobby K.; CHIA, Philip S. Baal and Yahweh as storm gods: A comparative study of Ugaritic and biblical traditions. **Verbum et Ecclesia**, Pretoria, v. 47, n. 1, p. 1-8, 2026. Disponível em: https://verbumetecclesia.org.za/index.php/ve/article/view/3787/9806. Acesso em: 1 out. 2026.

RENDSBURG, Gary A. UT 68 and the Tell Asmar Seal. **Orientalia**, Lisboa, v. 53, n. 4, p. 448-452, 1984.

WALLACE, Howard. Leviathan and the Beast in Revelation. **The Biblical Archaeologist, Boston**, v. 11, n. 3, p. 61-68, 1984. Disponível em: https://doi.org/10.2307/3209231. Acesso em: 1 out. 2026.